

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE Aprendendo e Ensinando uma nova Lição

*REFLECTIONS ON TEACHING PRACTICE
Learning and Teaching a new Lesson*

REINALDO ALVES DE MIRANDA¹ JORGE AUGUSTO BAHIA²

Resumo: O estudo tem como objetivo refletir acerca da prática docente, considerando o contexto atual da educação brasileira, notadamente com a vigência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que se constituiu em mais um desafio para dar conta das demandas advindas dos estudantes. Aborda-se o ambiente das novas tecnologias educacionais como mais uma exigência ao exercício da docência, observando-se que muitos professores ainda não estão devidamente capacitados para enfrentar esse novo momento. Quanto à metodologia, aplicou-se a pesquisa qualitativa, descritiva, baseada em fontes bibliográficas, a partir de temáticas que contribuíram para uma reflexão sobre o fazer pedagógico em meio às novas configurações da sociedade, as quais exigem mudanças de posturas de professores e do sistema educacional. Para tanto, utilizou-se o instrumento de questionário aplicado a 06 (seis) professores da Rede de Ensino do Estado da Bahia, cujos relatos deram subsídios à nossa análise acerca do objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Prática docente; Novas tecnologias; BNCC; Sistema Educacional.

¹Doctorado en Ciencias de la Educación - Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación - Universidad Autónoma de Asunción E-mail: reinaldo.miranda@nova.educacao.ba.gov.br

²Doctorado en Ciencias de la Educación - Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación - Universidad Autónoma de Asunción E-mail: jorgebahia9@gmail.com

ABSTRACT: *The study aims to reflect on teaching practice, considering the current context of Brazilian education, notably with the validity of the National Common Curricular Base (BNCC), which constituted yet another challenge to deal with the demands arising from students. The environment of new educational technologies is addressed as one more requirement for teaching, noting that many teachers are still not properly trained to face this new moment. As for the methodology, a qualitative, descriptive research was applied, based on bibliographical sources, based on themes that contributed to a reflection on the pedagogical work in the midst of the new configurations of society, which require changes in the attitudes of teachers and the system educational. For that, we used the questionnaire instrument applied to 06 (six) teachers of the Education Network of the State of Bahia, whose reports gave subsidies to our analysis about the research object.*

Keywords: *Teaching practice; New technologies; BNCC; Educational system.*

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem é um importante mecanismo na formação social do aluno, pois possibilita que se torne um sujeito atuante no mundo, capaz de refletir e compreender as constantes mudanças da sociedade. A educação escolar e principalmente o professor tem um importante papel neste processo de formação do aluno como indivíduo social, pois é ele que deve implementar e dirigir atividades didáticas que apoiem e orientem o esforço das ações e reflexões dos alunos. O professor dos dias de hoje deve ser um profissional da educação que elabora aulas e materiais criativos e com conhecimentos teóricos e críticos. Nessa nova era da tecnologia, os professores devem ser afrontados e considerados como parceiros e autores na mudança da qualidade social da escola. Logo, cabe aos professores do século XXI a tarefa de encaminhar os alunos para enfrentar novos desafios. Sobre a relação do homem com o conhecimento vinculado às novas tecnologias, Silva, Duarte e Souza (2013, p. 167) argumentam:

O ser humano vive a revolução do conhecimento, o impacto das redes de computadores, da microeletrônica, das telecomunicações. Esses avanços são sentidos no trabalho, na educação, na economia, no passatempo, nas artes, ou seja, em todas as esferas sociais. Dessa forma, o ser humano segue como parte

integrante, por um lado passivo e outro ativo, nesse cenário de singular e de intensas mudanças tecnológicas.

Infere-se, portanto, que os novos contextos tecnológicos e a necessidade de melhorar a qualidade das ofertas educacionais em todos os níveis de educação corroboram a necessidade de incorporar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nos contextos educacionais. A escola deve ser vista além do lugar que socializa o saber metódico, mas também como um lugar de trabalho do professor, o qual depende, para se organizar e atender às suas demandas, de profissionais que atuam em seus diferentes espaços, de forma sustentada por conhecimentos e saberes, construídos com base em diferentes teorias e experiências diversas.

A prática docente vem a ser o desenvolvimento do conhecimento e de outras habilidades por meio da interação entre professor e aluno. A esse conceito, alguns autores somam diversos outros, tentando definir um trabalho, cuja amplitude é capaz de incorporar a todos eles. Libâneo (1990, p. 17) afirma que o trabalho docente é parte integrante do processo educativo pelo qual as pessoas recebem preparação para que possam participar ativamente da sociedade: “A educação, ou seja, a prática educativa é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”.

É pertinente dizer que as práticas docentes são de grande relevância para o crescimento do questionamento e posicionamento do discente. O aluno passa a ir à busca de construção de conceitos a partir dos seus conhecimentos e dos conhecimentos lançados previamente pelo professor, e, trabalhando com temas transversais, o aluno aprende também a fazer correlações de temáticas abordadas na sala de aula e assuntos apresentados pelo cotidiano. Assim afirmam Vieira et al. (2010, p. 27): Os professores e as escolas precisam entender que ao se tratar de um assunto dentro de uma disciplina, pode-se lançar mão de outros assuntos / conhecimentos, passando de uma concepção fragmentária para uma concepção mais ampla do conhecimento, em que se aponta à construção de uma escola participativa e decisiva para formação do sujeito social.

Assim sendo, é necessário um melhor reconhecimento das práticas pedagógicas do

professor, incentivar que o docente seja dentro da sala de aula um “leque” de novidades, para que o aluno realize bem no ambiente social, fora da escola, o que ele aprende de forma contextualizada dentro da mesma. Vera Candau e Miriam Leite (2010) analisaram, por meio dos estudos da psicologia e didática, como os temas diferença/diversidade vinham sendo trabalhados. Baseado nessa análise, a questão da inclusão no âmbito escolar parece ser uma realidade ainda distante, pois a exclusão adentra a contemporaneidade. A discussão sobre a diversidade na educação adentra a história, fazendo emergirem diferentes teorias. Por isso, na contemporaneidade, propõe-se que o ensino tradicional assuma outro papel: o da inclusão das diferenças.

Os aportes da psicologia favoreceram, portanto, uma importante produção sobre a diversificação dos processos de ensino-aprendizagem do ponto de vista do indivíduo, reconhecendo os diferentes modos e ritmos de se aprender. Deste modo, a psicologia abriu caminhos para novos métodos de ensino. Salta aos olhos, contudo, a ausência da dimensão sociocultural nessas abordagens (Candau, 2020, p. 5).

A superação para a problemática educacional tem, ao longo da história, contado com ações de diferentes atores sociais; professores e educadores buscam constantemente reinventar suas práticas pedagógicas e refletir sobre suas ações em uma escola que, a cada dia é chamada sempre mais a incluir; a valorizar as mais diferentes constituições humanas, pois a partir do momento que a educação valoriza a autonomia de cada discente cria caminhos para novas construções do conhecimento (Linhares, 2000, p, 806). Nesse sentido, o professor deve levar em consideração os conhecimentos prévios de cada aluno sendo mediador do processo de ensino-aprendizagem, a fim de transformar conhecimentos. Desse modo, ocorre a possibilidade de ampliação da visão que o discente tem do mundo ao passo que o instiga a desvendá-lo; assim, o conhecimento se torna cada vez mais interessante e passa a ser construído de forma significativa e contextualizada.

Entretanto, na contramão dessas propostas, a prática docente mantém-se concentrada em oferecer um ensino artificial, sem sentido, sendo que, na atualidade, sua principal função deveria ser formar sujeitos críticos, capazes de interagir favoravelmente no convívio social. Diante disso, a instituição escolar deve acompanhar a evolução dos tempos, por ser inegável que a tecnologia está facilmente acessível a todos, e a escola, enquanto instituição responsável por formalizar a

educação, não pode se prender a recursos ultrapassados, buscando a inovação, a fim de despertar o interesse do aluno ávido para cada vez mais fazer parte do universo tecnológico (Nóvoa, 1995).

Linhares (2000) alerta sobre as ideologias que a todo momento chegam até nós, sempre com a afirmação de que a escola pública representa um caso perdido, as quais tendem a disseminar um certo conformismo. Com isso, as iniciativas de renovação e mudança ficam sem motivação e, somam-se a esta situação as diretrizes político-pedagógicas que ditam normas padronizadas a serem seguidas e não levam em consideração as experiências vividas e praticadas no âmbito escolar. Os parâmetros, diretrizes e planos homogeneízam a educação de tal forma que acredita que um único modelo educacional funciona em todas as realidades escolares (Linhares, 2000, p, 811).

Acerca da escola como um lugar de se estabelecer novas relações, Tereza Cristina Siqueira (2006) ressalta:

O saber se constitui a partir das experiências e vivências do nosso cotidiano, e nossas aprendizagens primeiras acontecem em nossas relações familiares, somente mais tarde ingressamos na escola ampliando nossas relações sociais.

Cabe, portanto, à instituição escolar levar em consideração a essência cultural e, por conseguinte, os conhecimentos prévios dos alunos, formalizando-os em uma busca constante por novos conhecimentos, de modo que os saberes cotidianos possam ser ressignificados tendo o saber científico como aliado.

É consenso que, no espaço da sala de aula, em meio a diálogos e experiências, é que são produzidos os conhecimentos. Desse modo, o docente, enquanto mediador do processo de aprendizagem precisa ser crítico, reflexivo, pesquisador e, acima de tudo deverá ter a sensibilidade de escutar a fim de discernir a complexidade que envolve as ações e anseios dos diferentes sujeitos. A partir da cultura de cada aluno aliado aos conhecimentos científicos pode ser construído e sistematizados novos saberes.

Assim, a prática pedagógica deve ser direcionada tendo em vista a especificidade dos sujeitos oriundos de um determinado contexto social. Portanto, no

momento atual, a educação deve levar o aluno a uma libertação e, ao mesmo tempo em que possam interagir mais intensamente com o conhecimento, desperte neles o desejo pela construção de uma sociedade cada vez melhor.

As Práticas Pedagógicas e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

Foi observada nos Parâmetros Curriculares Nacionais uma abordagem acerca da tecnologia de informação explicitando a utilização dos meios de comunicação pela sociedade e como estes devem ser recepcionados no ambiente escolar. Havendo uma mediação necessária e adequada dos professores será dado um impulso à inovação do ensino dando significado nas práticas pedagógicas, pois a leitura e escrita continuarão presentes apenas expostas de uma forma veloz e facilitadora.

Para que se lance mão da tecnologia de informação como um recurso didático no trabalho pedagógico, devem ser consideradas as práticas sociais nas quais estejam inseridas para: conhecer a linguagem videotecnológica própria desse meio; analisar criticamente os conteúdos das mensagens, identificando valores e conotações que veiculam; fortalecer a capacidade crítica dos receptores, avaliando as mensagens; produzir mensagens próprias, interagindo com os meios. (Brasil, 1998).

A nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc. Todavia se acredita que em diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, realizar as atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, à norma culta (Travaglia, 2001, p.41).

O professor que, cotidianamente, faz a diferença na sala de aula possibilitará a formação, promoção e ascensão social do seu aluno por meio da leitura e da escrita. Para tanto, é fundamental que os alunos tenham acesso ao código linguístico da língua escrito ou falado. Pois, é partir dele que o indivíduo passa a ter acesso ao sistema de signos e atribuirá valores e significações. Assim sendo, descobre o mundo e a sua realidade circundante.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi a pesquisa qualitativa, descritiva,

baseada em bibliografia impressa e digital que tratou do assunto e contribuiu para uma reflexão sobre a prática docente em meio às novas configurações da sociedade, as quais exigem mudanças de posturas de professores e do sistema educacional. Conceitualmente, a pesquisa qualitativa, conforme ensina Sampieri (2013), é o método que utiliza a coleta de dados sem medição numérica para aprimorar perguntas e se torna descritiva documental por serem realizadas análises em textos já publicados e o fato de possuir diversas interpretações. De modo complementar, realizou-se entrevista com os docentes, a fim de imprimir um novo olhar diante do fenômeno da sala de aula com a complexidade que nela reside.

A escolha distribuiu-se com base no tempo de experiência docente dos participantes na rede pública de ensino do estado da Bahia, em três escalas, a saber: 1) até 05 (cinco) anos de docência na rede; 2) entre 05 (cinco) e 20 (vinte) anos de docência na rede e; 3) a partir de 20 (vinte) anos de docência na rede. Sendo assim, foi preservada a identidade dos nomes dos participantes, com a substituição pelos códigos alfanuméricos P1a – P1b (menor tempo de atuação); P2a - P2b (tempo intermediário de atuação); P3a – P3b (maior tempo de atuação), conforme representado no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Perfil dos Docentes Envolvidos da Pesquisa

Professor Participante	Sexo	Formação Acadêmica	Especificidade das Aulas em LP	Experiência Profissional	Nível de Satisfação
Até 05 anos de Docência na Rede Estadual					
P1 – A	Feminino	Especialização	Redação e Gramática	05 anos	Satisfeita
P1 – B	Feminino	Mestrado	Redação e Gramática	04 anos	Pouco Satisfeita
Entre 05 e 20 anos de Docência na Rede Estadual					
P2 – A	Masculino	Mestrado	Literatura	15 anos	Satisfeito
P2 – B	Feminino	Mestrado	Redação e Gramática	14 anos	Satisfeito
A partir de 20 anos de Docência na Rede Estadual					
P3 – A	Feminino	Especialização	Redação e Gramática	20 anos	Satisfeita
P3 – B	Feminino	Especialização	Redação e Gramática	26 anos	Pouco Satisfeita

Fonte: Elaboração Própria (2021)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após compreendermos os conceitos que envolvem a prática docente, que extrapola dimensões para além de um espaço físico, passamos à escuta dos relatos de 06 (seis) professores da Rede de Ensino do estado da Bahia. As falas desses profissionais revelam o exercício que se realiza concretamente nos espaços formais de aprendizagem, as salas de aulas, onde também se armazenam marcas identitárias pautadas na singularidade de quem habita a profissão docente.

Ao trazer os relatos sobre suas vivências na escola pública, os participantes da pesquisa revelam um misto de saudosismo e de projeções que envolvem a carreira de um professor.

Quadro 2 – Experiências com a prática docente na Rede Estadual de Educação.

Professor (a) Participante	
P1 – A	<i>Eu trabalho com o Ensino Médio, Educação Integral, mas tenho me afeiçoado com as turmas de EJA, tenho uma relação interpessoal muito boa. O problema é que eu tenho uma variação grande quanto ao conhecimento dos alunos. Alguns estão retornando à escola depois de 15, 20 anos sem estudar. Mesmo como esse desafio, eu consigo caminhar de uma forma legal.</i>
P1 – B	<i>Atuei durante dez anos em uma escola, no turno noturno, e posso afirmar que tive uma experiência extremamente positiva visto que a minha escola prezava pela organização e pela eficiência. Além disso, havia o compromisso não só por parte dos professores, mas também pelos estudantes.</i>
P2 – A	<i>Estou há 18 anos na rede, atuando como professora de inglês, redação, gramática, do 5º ano ao 3º ano. É enriquecedor estar diante de tantas realidades diferentes, no perfil e na aprendizagem, mas é um tanto complexo no momento de planejar o ensino, tendo em vista a diversidade e a necessidade de cada público.</i>
P2 – B	<i>Com o passar do tempo, a gente vai ganhando a experiência, vai adquirindo um lugar na sala de aula. A maturidade me ajudou a lidar com as dificuldades, por exemplo, quando o material da aula não ficou pronto pela secretaria. Hoje eu consigo superar isso, mas antes era um problema, desestruturava a minha aula.</i>
P3 – A	<i>No estado, eu iniciei com turmas de 5ª a 8ª série, sempre houve essa separação, aos professores antigos cabiam as turmas de Ensino Médio. E nós, recém-chegados, ficávamos com os “refugos”, éramos os que não tinham voz, tudo isso até a gente se firmar, criar uma identidade.</i>
P3 – B	<i>Tenho mais afinidade com o Ensino Médio, acho que pela minha postura, de professora mais vivida que eles (rsrs). A minha linguagem traz mais efeito com essa modalidade, mas já trabalhei com adolescentes, mesmo com algumas dificuldades, consegui atingir meus objetivos. Cada turma, em cada turno, é um desafio diferente.</i>

Fonte: Dados obtidos na Pesquisa de Campo (2022)

Ao trazer a discussão sobre a prática docente, Arroyo (2000) alerta que os

professores devem ser vistos como aqueles que possuem um ofício, que detêm uma habilidade, qual seja, a arte de ensinar, podendo produzir e lançar mão desses saberes próprios desse ofício, de modo a enriquecer o seu trabalho cotidiano na sala de aula. Os professores entrevistados relatam também sobre as dificuldades que fazem parte desse percurso profissional.

Pimenta (2011) contempla essa perspectiva ao trazer os aspectos epistemológico e profissional dos quais se constitui e se constrói a identidade docente, desde a formação inicial e continuada, sendo atravessada pelas vivências na esfera pessoal e no âmbito da coletividade. Conforme mostram os relatos, isso somente ocorre quando conhecimentos e saberes se mesclam ao trabalho docente propriamente dito, no “chão da escola”.

Quadro 3 – Percepções sobre o currículo do curso.

Professor (a) Participante	
P1 – A	<i>Os conteúdos apontados nas habilidades proposta pelo Currículo são possíveis de serem trabalhados, a partir dos eixos sugeridos, porém essa matriz curricular não atende a todo o território nacional, com a pluralidade peculiar.</i>
P1 – B	<i>Currículo é algo muito vivo, que precisa dialogar com o público. Qual é o meu público? Eu sou professora de duas grandes escolas (privadas) aqui em Salvador no Ensino Médio. O que eu trabalho na 2ª série do Ensino Médio com as escolas particulares, eu não tenho condição de aplicar, por exemplo, na 3ª série da escola pública, porque são públicos diferentes e, portanto, demandam currículos diferentes.</i>
P2 – A	<i>Ainda não tenho propriedades para falar dessas novidades (a BNCC), pois estamos no início do período letivo e ainda construindo uma proposta curricular. Pelo menos a proposta é satisfatória, para que a gente possa buscar o que não está no currículo, podendo complementá-lo.</i>
P2 – B	<i>Acredito que o currículo escolar precisa adequar-se às futuras demandas exigidas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Hoje dispomos de um currículo inchado e pouco produtivo à vida do estudante.</i>
P3 – A	<i>Eu achava o currículo da universidade muito denso, com muitas informações, porém não destrinchadas para o nosso entendimento. Tive um currículo adequado para a nossa realidade, de 30 anos atrás, mas reconheço as mudanças que houve nesse percurso, e o currículo foi se adaptando aos contextos.</i>
P3 – B	<i>O currículo deixa a desejar, o livro didático não condiz com o que exigem as avaliações externas. Primeiro, porque a escolha dos livros é muito apressada, não há um tempo para conhecermos a fundo as propostas didáticas, e o livro, por vezes, não apresenta questões contextualizadas, gerando uma contradição com o que se cobra nas provas do Enem, por exemplo.</i>

Fonte: Dados obtidos na Pesquisa de Campo (2022)

Consideramos pertinente – e até necessário – trazer o currículo para a discussão nesta pesquisa, por se tratar de um espelho no funcionamento da ação pedagógica e por entender que, nesse cenário de reformas curriculares, todas as propostas voltadas ao contexto das aprendizagens incidirão diretamente no papel exercido pelo professor.

A maioria dos depoimentos (participantes P1A, P1B, P2B, P3B) leva-nos a inferir que, apesar dos esforços cristalizados com a implementação da BNCC, o desenho curricular que está posto não atende às necessidades da sala de aula. Entretanto, a percepção de dois entrevistados (P2A e P3A) em relação ao currículo concentra-se nas mudanças observadas, positivamente, na medida em que, no contexto da sala de aula, se torna possível extrapolar a proposta do documento e redimensionar as práticas.

O que se torna evidente nesses relatos é a necessidade de uma reflexão criteriosa sobre os impactos do currículo na prática docente, partindo da compreensão de que não se trata de um documento estático, mas que se constitui em um suporte pedagógico fundamental o qual pode – e deve – ser paulatinamente reconstruído.

Quadro 4 – Metodologias de ensino que costuma utilizar

Professor (a) Participante	
P1 – A	<i>Desenvolvo a minha prática docente com aula expositiva e dialogada, pesquisa, produção textual, leitura e interpretação crítica de texto e do mundo. É uma maneira que encontro de trazer elementos que estão além do livro didático. Eu trabalho com uma metodologia de troca, procuro buscar aquilo que o aluno precisa, fico atenta às inquietações dos alunos e peço que proponham o que eles querem aprender ou discutir.</i>
P1 – B	<i>O uso de ferramentas tecnológicas acaba sendo o carro-chefe na condução do processo de ensino e aprendizagem. A partir delas, como o Powerpoint, início o trabalho apresentando os objetivos de se estudar aquela habilidade e parto de situações-problema antes de apresentar a teoria. Os professores estão se esforçando para aprender a usar as novas tecnologias, isso ficou claro nesse período de aulas on-line e que persistiu no ensino híbrido.</i>
P2 – A	<i>Na escola eu sou chamado de “improvisador, porque, apesar de fazermos o nosso planejamento, de nossas metodologias de ensino, o nosso processo didático é muito pessoal.</i>
P2 – B	<i>Recorro a práticas de leituras diversificadas. Percebo que a turma gosta quando utilizamos os diferentes gêneros textuais... os alunos se identificam com muitos desses gêneros na sua comunicação diária.</i>

P3 – A	<i>Agora, com as aulas regulares, dentro da “normalidade”, estou usando mais ferramentas da internet, os alunos produzindo atividades diretamente na rede virtual, isso é uma novidade para mim. Estou perto da minha aposentadoria e, confesso, não imaginava que fosse mudar meus métodos. Tive que aprender, foi positivo.</i>
P3 – B	<i>Eu trabalho muito com datashow, para trabalhar variações da linguagem, por exemplo, eles conseguem fazer uma relação com o seu cotidiano. Mas também trabalho com jogos, levo músicas, memes da internet, como forma de trabalhar a literatura, que às vezes não é tão atraente para os estudantes de hoje, para não ficar aquela coisa distante, busco dialogar com a realidade.</i>

Fonte: Dados obtidos na Pesquisa de Campo (2022)

O presente tópico diz respeito às particularidades da prática docente, haja visto que, devido à heterogeneidade de que é constituída a sala de aula, as metodologias são, a todo tempo, revisitadas e redimensionadas, na perspectiva de atender às necessidades impostas pelo contexto em que ocorre o ensino-aprendizagem. Nesse sentido, as respostas dos participantes P1 A, P2 A e P2 B se diversificam, na medida em que os professores trazem bagagens diferenciadas e assim podem adotar formas diferentes de aplicar os conteúdos.

A prática docente tendo o auxílio das novas tecnologias foi pontuada por alguns dos entrevistados (P1 B, P3 A e P3 B), coadunando com a afirmação de Nóvoa (2002), ao dizer que a escola deve usar tais recursos para despertar o interesse dos alunos.

Os relatos acima demonstram a importância de se redimensionar o ensino, pela reinvenção das práticas, configurando-se a imagem do professor investigativo, questionador da sua própria formação e atuação, em conformidade com o dizer de Libâneo (2005): “São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar”.

Quadro 5 – Percepções sobre experiências com os alunos

Professor (a) Participante	
P1 – A	<i>As experiências com alunos do EJA, do noturno, em projetos sociais e na rede pública, sempre foram gratificantes, pois são adultos que voltam a estudar com consciência e determinação do que querem. Já os alunos do vespertino são mais jovens (em sua maioria, entre 18 e 22 anos), totalmente, dispersos, sem qualquer foco. Difícil o trabalho com eles.</i>

P1 – B	<i>Hoje existem alunos empenhados em cursar uma universidade, em participar de concursos públicos, de modo que precisam dar conta das demandas da escola, e isso requer dedicação e atenção durante as aulas. Isso nos motiva e eu acho que esse movimento dos nossos alunos tem mudado bastante, mesmo estando longe de ser o satisfatório.</i>
P2 – A	<i>Na minha realidade (escola pública de uma cidade pequena, com aspectos rurais), podemos ver que existem alunos mais preocupados em garantir uma renda do que, necessariamente, concluir o Ensino Médio. São estudantes que se encantam mais com o meio salário-mínimo que vão ganhar numa jornada completa de trabalho, em detrimento da escola.</i>
P2 – B	<i>Temos uma diversidade de alunos, desde os mais interessados aos completamente desligados. E isso se torna um desafio para o professor, que tenta, a todo custo, conquistar e convencer os alunos da importância da aprendizagem na vida deles. Mas entendo que é necessário manter o nível e a qualidade do ensino, em prol dos que demonstram interesse, não se deixar abater pelos estudantes que, às vezes, nada querem.</i>
P3 – A	<i>Apesar da ausência de perspectivas em grande parte dos alunos, conseguimos alcançar bons resultados, com estudantes ingressando na universidade, porém essa realidade, infelizmente, ainda não é a predominante.</i>
P3 – B	<i>A minha relação em sala de aula é muito formal, eu procuro seduzir o aluno, mostrar a credibilidade, confiança, capacidade, quero prender o aluno ao que eu quero dizer, fazer a persuasão. Eu já encontrei na vida alguns alunos que se tornaram professores de português, vejo que houve uma influência, e acho isso positivo.</i>

Fonte: Dados obtidos na Pesquisa de Campo (2022)

Consideramos a questão oportuna, pois há um consenso de que, sobretudo na contemporaneidade, a aprendizagem depende, em grande parte, da empatia que se estabelece na sala de aula, exigindo do profissional docente a habilidade em perceber as peculiaridades no perfil dos estudantes, o que se torna uma difícil tarefa, já que muitos deles frustram as expectativas do professor. As respostas dos participantes P1A, P2A e P2B deixam claro mais esse desafio da profissão docente.

Por outro lado, algumas falas (participantes P1B, P3A e P3B) revelam que em meio às decepções no cotidiano da sala de aula, o trabalho do professor consegue surtir efeitos positivos, o que, evidentemente, funciona como um estímulo para a profissão.

Quadro 6 – Percepções sobre as condições de trabalho

Professor (a) Participante	
P1 – A	<i>As condições de trabalho são bem desfavoráveis ao desempenho dos trabalhos pedagógicos. Essas dificuldades passam pela estrutura física das unidades escolares, inclusive, inversamente proporcional ao número de alunos; passa</i>

	<i>pela escassez de materiais, do mais básico ao mais “sofisticado”, tecnologicamente, aos quais somos estimulados pela nova ordem social e mesmo pela rede estadual, que nos forma, mas não nos instrumentaliza.</i>
P1 – B	<i>Na rede estadual sou professora de uma escola com poucos recursos. As condições de trabalho impactam na aprendizagem, especialmente quando faltam materiais e equipamentos que auxiliam na prática pedagógica.</i>
P2 – A	<i>A nossa escola tem uma estrutura bem precária, pois não temos espaços que possibilitem atividades para além da sala de aula, não há espaços culturais, espaços esportivos, espaços para conferências, palestras, auditório, nada disso. Não temos laboratórios de absolutamente nada.</i>
P2 – B	<i>A escola ficou sem coordenador pedagógico por um bom tempo... nós, os professores, tínhamos que dar conta dessa demanda. Hoje contamos com esse profissional, que é necessário para o aprimoramento da nossa prática docente. A coordenação pedagógica é que norteia o nosso trabalho, eu me sinto mais segura.</i>
P3 – A	<i>Na atual conjuntura escolar, onde eu faço as minhas práticas (Unidade Prisional) as condições são terríveis. Nada nos é permitido, parece que estamos na casa de um estranho. O tempo inteiro nós somos negativados, ameaçados na nossa prática. E isso mexe muito com a nossa identidade, ela é ferida, mutilada. E com certeza, vai interferir no nosso fazer pedagógico.</i>
P3 – B	<i>As condições materiais sempre foram muito precárias. Não tinha computador, cópias era algo muito precário, era carente de mobiliário. Mas havia coordenadores em todas essas escolas e todos tentavam fazer o seu trabalho da melhor maneira. Mas sabemos que um coordenador não consegue abarcar com todas as demandas da escola. Na verdade, na escola pública falta quase tudo.</i>

Fonte: Dados obtidos na Pesquisa de Campo (2022)

Interessa-nos a abordagem sobre as condições de trabalho – subjetivas e objetivas – no campo da docência, a fim de compreender o contexto em que estão inseridos os professores participantes da pesquisa e por reconhecer tais fatores como impactantes na prática docente. Sobre essa questão, os relatos dos professores, em sua maioria (P1A, P1B, P2A, P3A e P3B) revelam um descontentamento desse profissional, por não atingir os objetivos da docência, em virtude da precariedade, especialmente de recursos materiais, por eles apontada.

Por outro lado, houve depoimentos positivos (P2B, P3B), no que tange à presença e atuação do coordenador pedagógico, uma reivindicação antiga dos docentes da Rede Estadual de Educação da Bahia.

É patente que esses traços de precarização presentes nos ambientes de aprendizagem – sejam de natureza subjetiva e emocional, sejam de ordem estrutural – evidenciados nos relatos dos entrevistados, em maior ou menor proporção

interferem diretamente nas condições de trabalho do docente.

Quadro 7 – Experiência pedagógica marcante na sua prática docente

Professor (a) Participante	
P1 – A	<i>Uma experiência bastante interessante foi um trabalho de fotografia, com as temáticas relacionadas ao bairro onde fica localizada a unidade escolar. O mais importante foi que surgiram muitas informações que ninguém imaginava, nem mesmo os alunos que nasceram no bairro. Acredito que esse trabalho foi o início da descoberta de uma identidade, pois muitas vezes os nossos alunos não se reconhecem na sua realidade e assim, deixa de valorizar a cultura a qual pertencem.</i>
P1 – B	<i>Tem uma atividade bastante interessante, é um trabalho biográfico que eu realizo com os estudantes concluintes (3º ano), é um processo de produção textual, bem orientado, falando sobre a trajetória escolar de cada estudante. Eles começam a contar a vivência desde a creche, passando pelo Ensino Fundamental até chegar ao Ensino Médio. Tem sido uma experiência bastante gratificante.</i>
P2 – A	<i>Desenvolvi um projeto denominado Ação de Graças, para trabalhar com os alunos na disciplina Língua Inglesa. Os alunos atuavam no campo da pesquisa, logo após apresentavam em grandes seminários. Na culminância do projeto, além de uma grande confraternização, os alunos ofertavam alimentos para as famílias carentes.</i>
P2 – B	<i>Ainda trabalhando nos primeiros anos na Rede Estadual, eu me deparei realizando um projeto cultural, envolvendo literatura, música e pintura, para estudantes jovens e idosos, os quais aderiram de forma significativa ao trabalho. Daí uma grata surpresa, ao ver que um desses estudantes era uma senhora que tinha 80 anos.</i>
P3 – A	<i>Foi um projeto de leitura, os alunos teriam que ler uma obra. Lembro-me que trabalhei com as obras literárias Os Miseráveis e Menino de Engenho. Levamos semanas com esse trabalho, o tempo de eles conhecerem o máximo de informações sobre os livros indicados. A culminância era a apresentação pública, quando todos mostravam o que aprenderam com a leitura. Foi muito gratificante.</i>
P3 – B	<i>Assim que entrei no estado, fiz um trabalho que causou um frisson. Era a época em que o Centro Histórico de Salvador se encontrava em revitalização, eu aproveitei um espaço aberto da escola e recriei com essas turmas o Pelourinho no pátio da escola. Os alunos ficaram encantados e assim foi aguçada a criatividade deles, despertando sentimentos a partir daquele trabalho. Foi significativo para os alunos, para mim e para a escola, que passou a me ver com outros olhos. (P3 - C)</i>

Fonte: Dados obtidos na Pesquisa de Campo (2022)

A sala de aula é, por excelência, um lugar de memórias. Nesse sentido, estão as experiências, os acontecimentos que deixam marcas na vida dos professores. Foram eleitos – sem juízo de valor – para este tópico as atividades desenvolvidas pelos docentes participantes da pesquisa, as quais representam as histórias de vida de todos os docentes.

Os professores há muito já reconhecem que o trabalho docente não deve se

limitar aos conteúdos que compõem o plano de ensino proposto para suas turmas. Diante da educação contemporânea é preciso extrapolar, criar possibilidades de os alunos revelarem talentos e traduzirem sua criatividade em conhecimento. Os depoimentos acima são apenas um iceberg no oceano de vivências que ocorrem dia após dia na atuação docente, ratificando que esse compromisso dos professores persiste, apesar dos desencantos já mencionados sobre a profissão docente.

CONCLUSÃO

Com base nas respostas dos seis professores entrevistados, associadas aos pressupostos teóricos aqui apresentados, resta o entendimento de que as práticas pedagógicas têm sido, em parte, prejudicadas, em razão de fatores estruturais e pedagógicos, a exemplo das mudanças curriculares que não dialogam com os conteúdos presentes nos livros didáticos; da falta de estímulo dos estudantes para o sentido da educação em suas vidas; das precárias condições de trabalho nas unidades escolares

A partir desses relatos, podemos inferir que as reformas educativas atuais colocam os educadores em confronto com dois desafios: reinventar a escola como local de trabalho e reinventar a si mesmo como pessoas e profissionais da educação. No momento atual, a instituição escolar precisa urgentemente fugir do modelo tradicional de ensino que se configura e dissemina a propagação da ideologia dominante, a da reprodução, o que exige o suporte fundamental do sistemas de gestão educacional, pois sozinho o professor não alcançará esse objetivo.

Dessa forma, se faz necessário que o poder seja descentralizado e as ações pedagógicas se voltem para a sistematização de um saber voltado para a valorização das diferenças individuais e a conscientização dos sujeitos como agentes capazes de agir reflexivamente para promover a transformação social.

O estudo deixou claro que a instituição escolar não pode perder a chance de ser agente transformador, deixando-se ficar à margem dos acontecimentos ou de influenciar na construção de novos conhecimentos. É preciso romper com modelos reprodutivistas de conceitos educacionais amarrados, fechados e pré-estabelecidos, observando as fragilidades do sistema regular de ensino, incentivando o professor a

inovar suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

Bastos, A., Cabral, A. M., & Rezende, J. (2010). *Ontologia da violência: o enigma da crueldade*. Mauad X.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70, p.38

Brasil (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC.

Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996

Oliveira, Irene Dias (2015). *Religião e as teias do multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial.

Oliveira, Lilian Blanck. *Ensino religioso no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2007.

Duarte, N. (2005). Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo?

In.: *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. LOMBARDI, José Claudinei, 1-22.

Hernández, S. R., Fernandez, C., & Baptista, M. (2014). *Metodologia de la investigación* MGH Education. Sexta edição.

Moran, J. M. (2015). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: Papirus

Souza, M. (2014) Educação como ato político. Filosofia: *Revista Ciência & Vida, São Paulo, ano 7, 92*.